

A biografia na história da Inglaterra setecentista ¹

Vamos falar sobre biografias na Revolução Inglesa. Douglas² propôs este assunto e pensou em Oliver Cromwell e a Revolução Inglesa. Considerei errado, porque eu escrevi um livro sobre Oliver Cromwell que está traduzido para o português.³ Não quero impedi-los de comprar este livro e lê-lo. Portanto, serei breve sobre Oliver Cromwell e acrescentarei duas outras biografias possíveis, de sua época: Milton, o segundo maior poeta inglês, depois de Shakespeare, e Bunyan, o maior escritor em prosa do século XVII.

Portanto, minha tese geral de fundo, como vocês provavelmente já perceberam, é que a Revolução Inglesa é a primeira das grandes revoluções — a Americana, a Francesa, a Russa e a Chinesa. Antigamente ela geralmente era chamada de Revolução Puritana. Acredito que isto conduziu a uma compreensão errônea, ao considerá-la como referente apenas à religião, no sentido estrito, enquanto que a religião, no século XVII, confunde-se com a economia, a política e a política exterior. A partir de nossa discussão sobre a Teologia da Libertação, em uma sessão anterior, vimos como a religião não diz respeito somente à vida após a morte, mas à vida na Terra, e à política e à sociedade sobre a Terra.

Entre as conseqüências da Revolução Inglesa, resumindo rapidamente,

1 Conferência proferida no dia 16/03/1993. Todas as notas são de responsabilidade dos organizadores deste número.

2 Douglas C. Libby foi um dos organizadores da vinda do Prof^o Christopher Hill ao Departamento de História/FAFICH/UFMG.

3 HILL, Christopher. *O eleito de Deus: Oliver Cromwell e a Revolução Inglesa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

temos o fato de que ela colocou a Inglaterra no caminho para tornar-se o maior poder naval no mundo; a Marinha foi utilizada para a política imperialista comercial. Isto só foi possível devido ao fato de que os contribuintes, através do Parlamento, haviam conseguido o controle do governo que, antes de 1640, era exercido pelo rei, independentemente, com o Parlamento apenas como uma parte acidental da constituição. E, antes de 1640, nenhum governo havia estado interessado numa política exterior comercial, e mesmo que se tivesse interessado, não teria tido dinheiro suficiente para sustentá-la. Portanto, é uma importante transição, na política inglesa, e na posição da Inglaterra no mundo, que produziu efeitos fora e dentro da Inglaterra. Como sugeri, num seminário anterior, não foi apenas esta revolução política e econômica que transformou a Inglaterra numa grande potência; houve também uma segunda revolução, que virou o mundo de ponta cabeça, e estabeleceu uma *commonwealth* mais igualitária na Inglaterra. Esta falhou, mas foi uma parte da Revolução.

Creio que Oliver Cromwell representa a primeira revolução, Bunyan a segunda, e Milton um meio termo entre as duas. Como venho sugerindo, o tempo todo, não houve um Rousseau ou um Karl Marx da Revolução Inglesa. Tudo o que os ingleses tinham era a Bíblia, que é vista como a fonte de todo o conhecimento. E as pessoas examinavam-na buscando direção. Na situação que surgiu em 1640, quando o governo desintegrou-se completamente, as pessoas pararam de pagar impostos, havia distúrbios em todo o País, parecia anarquia. As pessoas procuravam na Bíblia uma explicação, como uma ideologia, e eles consideravam a Bíblia como um livro que era diretamente relevante para as questões que viviam. E a ideologia que extraíram da Bíblia foi a do Milenarismo — a idéia de que o fim do mundo está próximo, e o fim do mundo significa o estabelecimento do *Millenium*, o governo de Cristo sobre a Terra, através de seus santos. Significa o estabelecimento de uma sociedade decente e mais justa sobre a Terra. Esta idéia nos parece muito boba, mas, no século XVII, a idéia de que o mundo estava chegando ao seu fim, tinha fundamentos científicos muito respeitáveis. Os melhores acadêmicos da época, estudavam os livros proféticos da Bíblia, o livro de *Daniel* e das *Revelações*, onde acreditavam que se encontrariam as pistas para esclarecer esta questão. Havia um consenso geral, pelo menos nos países protestantes, de que o mundo chegaria ao seu fim, no meio do século XVII. O fim era esperado para a década de 1650, mas o mundo poderia resistir até os anos 1690. E esta não era uma idéia defendida apenas por alguns lunáticos; ela era baseada no trabalho dos acadêmicos mais sérios da época, cronologistas, historiadores e matemáticos, todos pesquisavam este tema. John Napier, que inventou os logaritmos, considerava-os muito úteis para esse propósito. Ele pesquisou esse assunto e escreveu um livro, no início do século XVII. No final do século XVII, Sir Isaac Newton, o grande cientista, gastava mais tempo tentando definir a data do fim

do mundo do que fazendo as pesquisas pelas quais é famoso hoje em dia. Portanto, era um assunto sério. E quando Milton, um acadêmico respeitável, educado em Cambridge, não um lunático ou um entusiasta, escreveu, em 1641, sobre Cristo como um rei que estava para chegar, creio que estava concedendo-lhe mais ou menos doze anos, ele esperava encontrá-lo nos anos 50. Milton acrescentou o seguinte, e este é um ponto importante: Cristo era um rei que estava para chegar e que poria um fim a toda a tirania terrena; o governo de Cristo significaria o fim da tirania da monarquia, que era o que interessava a Milton.

Creio que este é o contexto de algumas das idéias que circulavam na época. Havia muita inquietação com a desintegração do governo. E quando o Longo Parlamento reuniu-se, nos anos 1640, ele teve que lidar com a situação, porque ninguém mais havia conseguido fazê-lo. Ninguém havia planejado uma revolução, não tinham nenhuma idéia sobre revoluções, não tinham nenhuma outra revolução anterior à qual pudessem se referir. As revoluções Francesa, Americana e Russa tinham a Revolução Inglesa como referência prévia e como modelo. Os ingleses não tinham a menor idéia do que fôsse uma revolução, porque até então não havia ocorrido nenhuma. Na verdade, a palavra *revolução* só adquiriu seu sentido moderno na Inglaterra, nos anos 1640. Até então, a palavra significava a revolução dos corpos celestes; ela se referia a algo que ficasse dando voltas e não a algo que chegasse a um ponto de parada e que depois continuasse, tendo-se transformado em algo totalmente diferente.

Podemos citar Oliver Cromwell, na Câmara dos Comuns, em 1641, quando à pergunta "O que você quer?", respondeu "Eu poderia dizer-lhes, senhores, o que eu não aceitaria, mas não posso dizer-lhes o que aceitarei". Muitas outras pessoas, tenho certeza, não iam muito além disso, em 1641. Eles não queriam o regime que tinham até então, mas não tinham a menor idéia do que pôr no seu lugar. Creio que podemos compreender isto, se pensarmos nas cenas de TV de multidões manifestando-se na Europa Oriental, em 1989-90 — creio que vocês as assistiram aqui. Multidões nas ruas, simplesmente protestando contra o governo. Eles não estavam protestando a favor de alguma coisa em particular, só queriam ficar livres daquele governo terrível. E eles não estavam sendo controlados por agitadores ocultos, que lhes dissessem o que fazer ou dizer, eles simplesmente saíram às ruas porque estavam fartos do governo.

Foi que aconteceu na Inglaterra em 1640-41. Antes que o Longo Parlamento se reunisse, multidões em Londres haviam invadido as prisões e libertado os prisioneiros, exatamente como a invasão da Bastilha, na Revolução Francesa. Ninguém os estava liderando, simplesmente decidiram fazê-lo; eles não gostavam do fato de o governo estar prendendo o povo, e eles os libertaram. É a partir deste contexto que devemos pensar.

Quem era Oliver Cromwell? Bem, ele nasceu puritano e foi educado no

sentido de que seus ancestrais, tanto no lado de seu pai, como no de sua mãe, haviam herdado terras monásticas, quando elas foram confiscadas na Reforma, um século antes. Eles eram pessoas importantes o suficiente para comprá-las ou recebê-las como doação. Portanto Cromwell, em ambos os lados de sua família, era economicamente dependente do fato da Inglaterra ser um País protestante. Se o catolicismo voltasse, sua propriedade seria confiscada. Portanto, ele estava muito interessado em ser protestante e um protestante radical. Suspeitava-se de que o governo de Carlos I não era digno de confiança em termos de protestantismo. Além disso, o pároco de sua paróquia era um puritano convicto e radical, que publicou um livro provando que o papa é o Anticristo, e que acreditava que o papa atuava por trás das ações do governo inglês e da rainha. Esse homem, que provou que o papa era o Anticristo, dizia "Os maiores e mais poderosos príncipes não estão isentos de punição por sua iniquidade." Foi este tipo de coisa que Oliver escutou nos sermões e que aprendeu quando era criança. Ele não começou com a idéia de que a monarquia era divina. E Beard⁴ também disse, muito convenientemente, que a propriedade privada era sagrada, mesmo em oposição aos reis. Ele teve, portanto, uma educação estável e "de centro". Sua família não era das mais prestigiadas, mas ocupava uma posição bastante elevada na escala social. Quando o Parlamento reuniu-se, ele tinha muitos parentes, uma dúzia de primos, na Câmara dos Comuns. Ele era um bom *gentleman*, bem estabelecido e moderado, o filho mais jovem de uma família distinta. Na sua terra natal, Huntingdon, ele era apenas um *gentleman* rural comum, que cuidava de suas terras. Até a idade de 40 anos, ninguém nunca havia ouvido falar dele, mas tinha um papel bastante interessante na política local, tendo em vista seu desempenho posterior. Ele apoiou os "pequenos", na sua cidade, Huntingdon, contra a oligarquia que governava, e ajudou na sua derrubada e substituição por um governo democraticamente eleito. Cooperou com os mercadores de Londres e persuadiu-os a fornecer o dinheiro para pagar um pregador para sua cidade que, às tardes, pregava um tipo de teologia diferente da do rector⁵ estabelecido da cidade, que não agradava muito aos cidadãos.

Havia pântanos na sua região, East Anglia. Mas essas terras pantanosas ofereciam condições de sobrevivência a muitas pessoas que pescavam e caçavam. Havia uma proposta de drenagem desses pântanos, que favoreceria os nobres, dentre os quais alguns seriam beneficiados com propriedades. Os ocupantes das terras comunais perderiam seus meios de sobrevivência; seriam privados da posse de suas terras, embora não tivessem realmente posse por

4 Thomas Beard foi pároco e mestre escola de Cromwell, exercendo forte influência sobre sua vida.

5 Na Igreja Episcopal e na Igreja da Inglaterra rector é o clérigo encarregado da paróquia.

serem *squatters* (ocupantes), mas seriam privados de seus meios de sobrevivência através da pesca e da caça. Houve oposição a esta proposta, e Oliver acabou tornando-se líder dessa oposição, atuando em defesa dos ocupantes das terras comunais, o que fez com que ele se tornasse um incômodo para o governo. Portanto, ele começou como um criador de problemas, ou pelo menos era visto assim pelas pessoas em sua própria cidade.

Conseqüentemente, quando a guerra civil começou, em 1642, ele reuniu uma tropa, na sua própria região, composta em grande parte pelos homens dos pântanos, os ocupantes das terras comunais que serviram como voluntários sob seu comando, em seu regimento. Esse regimento era pouco usual por ser composto por homens devotos. Ele havia discutido com seu superior que não aprovava o fato de Oliver ter indicado um anabatista⁶ como um de seus capitães. O termo *anabatista* significava algo parecido com *vermelho*, hoje, alguém que não é aceito pelas pessoas respeitáveis. E Oliver disse, “*E daí se ele for um anabatista? Contanto que faça seu trabalho, é isso que o Estado quer.*” E ele continua dizendo, desnecessariamente, que ele preferiria ter “*um capitão vestido em roupas grosseiras*” — um capitão em guerra que vestia roupas comuns de um homem do campo, e não as roupas elegantes dos *gentlemen* — “*que sabia por que está lutando, e amava aquilo que sabe, do que aqueles que são chamados de gentlemen e que não são nada mais do que isso*”. Ele estava sendo rude com a pequena nobreza. No século XVII estas não eram coisas que um *gentleman* diria a outro.

Portanto, ele tem inclinações “*democráticas*”, não democráticas no nosso sentido, mas ele não valorizava tanto a posição social, e isto colocou-o numa posição muito boa, no exército que comandava na sua região. Ele estimulava a discussão livre, indicava oficiais baseando-se em mérito, o que era inédito no século XVII. Para ser um oficial, você tinha-se de ser um *gentleman*. Um homem comum vestido em roupas grosseiras não podia tornar-se um oficial, mas no regimento de Oliver, sim. Portanto, seu regimento atraiu pessoas de Londres e de outros lugares, pessoas que tinham pontos de vista mais radicais, e tornou-se conhecido tanto por seu radicalismo como pelo fato de ser uma força de combate muito boa. As características que mais distinguiam este exército eram sua disciplina e seu espírito de combate. As suas tropas realmente acreditavam naquilo pelo que lutavam, contrariamente à maioria dos outros, convocados pelo *lord* local e, portanto, compostas por seus *tenants*. Ordenavam-lhes que lutassem, o que não faziam com muito entusiasmo. Os membros da tropa de Oliver acreditavam na causa pela qual estavam lutando e eram encorajados a discutir

⁶ Os anabatistas, uma das ramificações do protestantismo, rejeitavam o batismo das crianças por acreditarem ser ineficaz e submetiam seus adeptos a um segundo batismo por imersão.

la. A cavalaria de Oliver tornou-se praticamente a melhor da guerra civil. Quando a cavalaria do general monarquista, Príncipe Rupert — que era um oficial muito experiente, tendo lutado na Guerra dos Trinta Anos, um comandante de cavalaria muito bom — atacava, e passava pelo inimigo, nunca foi impedida de entregar-se à pilhagem antes que voltasse para o campo de batalha. Mas a cavalaria de Oliver era treinada para atacar, atravessar as fileiras inimigas e, imediatamente, voltar-se e atacar o inimigo por trás. Portanto, ele geralmente vencias suas batalhas. Outro motivo pelo qual venceu muitas batalhas — aliás nunca perdeu uma — é que em todas, exceto uma, ele conseguiu ter mais tropas no local do que o inimigo, o que era um modo fácil de vencer batalhas, embora isto implicasse planejamento, estratégia, etc, e pensar sobre como se vence uma guerra, e isto ele fez.

Ele tornou-se um líder muito popular. Quando a guerra civil chegou a um tipo de impasse, em 1644 — um lado vencias uma batalha aqui, o outro vencias uma batalha acolá — nada decisivo estava acontecendo, e as pessoas começaram a se farta com aquilo; pessoas comuns, que haviam começado apoiando o Parlamento, não viam o fim daquilo. As tropas eram mal pagas e tinham de ser sustentadas pelas cidades nas quais estavam aquarteladas, sendo que nem sempre se comportavam muito bem, criando, portanto, insatisfação geral. Oliver foi que, na Câmara dos Comuns, tomou a frente dizendo que esta situação tinha que acabar. Ele diz que todos estavam insatisfeitos com a liderança do exército parlamentar e que “*devemos ter pessoas mais determinadas a vencer a guerra do que os líderes que temos agora*”. E isso remonta ao fato de que, no século XVII, o exército tinha que ser comandado pela aristocracia. O comandante do exército parlamentar era o Conde de Essex, e as pessoas diziam que se eles não tivessem o Conde de Essex como comandante, nunca teriam um exército de fato. A solução proposta por Oliver foi que todos os membros do Parlamento, seja da Câmara dos Comuns, da qual participava o próprio Oliver Cromwell, seja da Câmara dos Lordes, da qual participava o Conde de Essex, deveriam abrir mão de seus comandos no exército para que um novos oficiais fossem indicados. O objetivo era livrar-se dos lordes que estavam no comando do exército porque, entre outras coisas, além da maioria ser incompetente, eles não queriam vencer o rei devido à sua posição social. Sobretudo não queriam uma vitória democrática por parte de pessoas que Oliver Cromwell liderava. Queriam uma conciliação com o rei, mas não queriam vencê-lo. Houve uma grande disputa no Parlamento sobre essa questão e, finalmente, Oliver conseguiu a aprovação de uma resolução que dizia que todo membro da Câmara dos Comuns ou da Câmara dos Lordes que tivesse um posto de comando deveria renunciar, inclusive ele próprio. Foi criado um novo exército, para o qual, “*curiosamente*”, Oliver foi reindicado como o comandante supremo. Esta reorganização do exército parlamentar, a criação de um novo modelo de exército, foi decisiva para que o Parlamento vencesse a guerra. Eles começaram

a vencer batalhas imediatamente, uma vez que haviam se livrado das pessoas que não acreditavam em sua causa.

Oliver teve uma conversa com seu comandante, antes da *Self Denying Ordinance*,⁷ na qual reclamava que os parlamentaristas não estavam vencendo as batalhas. E seu comandante, que era o Conde de Manchester, disse “*De que vale isto tudo, se vencemos o rei noventa e nove vezes, ele ainda será rei. Se o rei nos vence uma só vez, seremos todos considerados traidores e executados.*” E Oliver retrucou: — “*Senhor, se isso era verdade, porque então começamos a lutar?*”. Esta era a linha divisória entre os dois lados. O Exército de Novo Tipo queria vencer o rei, queria lutar. E foi o que aconteceu: em um ano a guerra havia sido vencida e Oliver tornou-se um dos homens mais poderosos no País. Ele chegou a esta posição devido à sua popularidade no exército. A partir desse momento, uma parte importante de sua política é manter o exército unido. Enquanto o exército estivesse unido ele poderia determinar o destino do País. Se se tornasse desunido, Oliver e sua causa estariam em apuros.

Esta é a situação, a partir do fim da guerra, em 1645. Há longas discussões e argumentações sobre o que vai acontecer com o rei. O rei recusa-se totalmente a chegar a um acordo, seja com o exército, seja com os parlamentares mais conservadores, que lhe ofereciam termos melhores do que o exército faria. Esta situação arrastou-se por bastante tempo, até que o exército chegou ao seu limite de tolerância e, num movimento que provavelmente começou entre os soldados comuns, Carlos I foi arrancado das mãos de seus captivos parlamentares. A partir daí, o exército passou a discutir com o Parlamento sobre o que iria acontecer ao rei. Dependendo de como abordamos a questão, o rei era um homem com princípios muito elevados ou então muito estúpido e obstinado. O fato é que recusou-se a fazer quaisquer concessões ao Parlamento, e simplesmente dizia que era o rei e ponto final, não faria nenhuma concessão. Enquanto permaneceu prisioneiro do exército, decidiu começar uma segunda guerra civil, o que efetivamente conseguiu fazer. Houve uma invasão partindo da Escócia em seu favor, e revoltas no oeste e sudeste da Inglaterra. Houve, portanto, uma segunda guerra civil muito cruel — foi um verão ruim, com muita chuva — na qual as tropas atravessavam o País em todas as direções, lutando novamente numa guerra que já haviam vencido, e todos chegavam aos seus limites. Surgiu, então, um sentimento forte no exército, desde os soldados até os níveis mais altos, de que a guerra deveria acabar de uma vez por todas.

Eles liam a Bíblia e, como todos vocês sabem, em *Números* 33 e 35 liam mais ou menos o seguinte: se o sangue for derramado sobre a terra, aquele que

⁷ Refere-se à resolução de abril de 1645 quando os membros do Parlamento renunciaram aos comandos no Exército.

for responsável pelo derramamento deverá ser julgado ou a culpa se estenderá sobre toda a terra, é o que diz Deus, no Velho Testamento. Era perfeitamente claro para as tropas que Carlos havia sido responsável pelo derramamento de sangue na guerra civil, e se ele não fosse repreendido, o próprio exército parlamentar seria igualmente culpado do derramamento de sangue, perante os olhos de Deus. Ora, a última coisa que queriam era ser culpados perante Deus. Este movimento, portanto, desenvolve-se a partir dos soldados, passando pelos oficiais de segundo escalão, que alegavam, citando a Bíblia, se o rei um homem sanguinário e que deveria ser submetido à justiça. Os altos oficiais não gostaram muito do movimento, mas Oliver, entre outros, viu que, a não ser que concordasse com esta idéia, a união do exército não seria mantida. Houve um movimento forte e radical em Londres, apoiando esta idéia e Cromwell acabou reunindo-se àqueles que queriam levar o rei a julgamento e à execução, como traidor do povo da Inglaterra. Um fato inédito. Ninguém nunca havia feito aquilo a um rei, em toda a história da Inglaterra. Nós nos acostumamos à execução de reis a partir de então, mas esta foi a primeira vez na história em que houve um julgamento solene de um rei, em nome do povo.

Este foi, portanto, um dos pontos altos da carreira de Oliver. A partir daí, e devido ao controle que tinha sobre o exército, ele e outros líderes do exército efetivamente governaram o País. A fim de obter o acordo do Parlamento quanto ao julgamento e à execução do rei, a maioria dos membros teve que ser excluída, ficando apenas uma pequena minoria que proclamou uma República. De 1649 a 1660, a Inglaterra torna-se uma República. Neste período, Oliver é o personagem mais importante, até sua morte em 1658.

O que é interessante sobre Oliver é sua psicologia. Embora tome essas atitudes decisivas, ele hesita durante muito tempo, antes de tomá-las. Ele busca o apoio do Senhor, rezando e perguntando-lhe sobre o melhor modo de agir. Além de rezar, ele também faz sondagens entre os outros líderes do exército, sobre seu apoio a esta ou aquela medida. Ao mesmo tempo em que rezava, ele também conduzia manobras políticas complicadas e só chegava a ações decisivas quando havia obtido um bom número de seguidores. Alguns pensavam que, quando ele buscava o Senhor, ele, na verdade, estava tentando descobrir *em que direção o vento ia soprar*. Ele adquiriu a reputação de ser um pouco hipócrita, na sua relação com o Senhor. Creio que ele tinha uma certa noção, certo sentido do termo *revolução*, e de fato, tenho uma citação na qual ele utiliza o termo, no sentido moderno emergente. Ele fala sobre o quanto era errado o fato de as pessoas considerarem a revolução de Deus — a mudança divina das coisas de um período a outro — como resultado de invenções e concepções humanas. Ele viu um processo histórico se desenvolvendo e a cada momento teve que avaliar o que se deveria fazer para colocar a causa de Deus em primeiro lugar. Considero esta uma concepção

intelectual genuína dele próprio. Ele não era apenas um oportunista. Mas ele não tinha uma política clara e bem concebida, ele apenas queria, a cada estágio, preparar-se para o que acreditava que Deus aprovaria. Entre outras coisas, esta foi a base de sua extrema tolerância. Ele foi muito mais tolerante do que a maioria dos homens.

[...] [...]

Cromwell disse aos Ilderes escoceses que um homem que persegue as pessoas por elas se reunirem separadamente e por terem sua própria organização religiosa, é como alguém que retirasse todo o vinho de um País para evitar que os homens se embriagassem. Beber vinho é algo normal para eles, e deveria também ser normal o fato de as pessoas se reunirem por contra própria e discutirem religião como queiram.

Portanto, o tempo todo ele cuida daquilo que chamava de Providência Divina, e pensando na próxima coisa a fazer para avançar a causa de Deus. E a causa de Deus tinha seu *momentum* próprio, uma vez que as coisas geralmente aconteciam vindo de baixo para cima. A execução de Carlos é algo que surgiu de baixo para cima. A idéia de que ele era um sanguinário, isto levou ao regicídio. Oliver nunca se incomodou com relação a formas de governo. Teoricamente pensava que a monarquia era desejável, mas compreendeu que sua continuidade seria absolutamente impossível com Carlos, e cortar a sua cabeça, segundo ele, tornou-se uma necessidade cruel. Mais tarde, quando as pessoas queriam um acordo, Oliver concordou em aceitar o título de *Lord Protector* e em tornar-se o chefe efetivo do governo. Ele recusou o título de rei que lhe foi oferecido porque pensou que o exército não gostaria. E ele estava certo, o exército era bastante republicano. Portanto, aceitou o cargo mas não o título de rei. Isto é típico de seu comportamento o tempo todo, ele é um pragmático, ele não tem qualquer teoria mas faz as coisas acontecerem. No seu primeiro Parlamento diz no seu discurso como *Lord Protector*: "*Eu não me convoquei para este posto*", e ele, de fato, não o fez. Portanto, nada havia sido planejado, a não ser por Deus, e Oliver era apenas um agente de Deus, tal como se considerava. Isto, é claro, não o impediu de ser muito bruto e selvagem, na realização do que acreditava ser o que Deus desejava. Em 1649, liderou um exército contra a Irlanda, que havia se revoltado desde 1641, e reprimiu esta rebelião católica, de um modo extremamente brutal, que deixou suas marcas na Irlanda até hoje. Parte dos problemas da Irlanda hoje remontam à conquista de Cromwell em 1641. Ela foi extremamente selvagem, brutal, eficaz, rápida e, como Cromwell mesmo disse, barata. Ele próprio pensava que o modo como agiu foi muito eficaz e, nesse sentido, estava certo.

Portanto, este é Oliver Cromwell tal como o vejo, uma figura decisiva em diversos momentos críticos da Revolução. Quando alcançou o poder supremo como *Lord Protector*, presidiu a implementação dos primeiros passos da nova

política imperial inglesa. Ele organizou a primeira expedição patrocinada pelo Estado para conquistar o Novo Mundo, visando as Índias Ocidentais e que, de fato, conquistou a Jamaica e ali estabeleceu a mais importante base da colonização inglesa no Caribe. Ele herdou uma frota muito grande que havia sido criada para vencer a guerra civil e para a qual também contribuiu. Estabeleceu o poder naval inglês no Mediterrâneo, quando o Almirante Blake livrou o Mediterrâneo dos piratas e tornou-o uma área lucrativa para os mercadores ingleses. Lutou em uma guerra contra a Espanha, e neste processo destruiu a base espanhola de pirataria em Dunquerque, a qual estava interferindo com o comércio inglês no Canal da Mancha. Fazendo tudo isso, Cromwell estabelece o poder marítimo inglês, utilizando-o para a expansão imperialista. E ainda estabelece o modelo para a política externa da Inglaterra, para os próximos cento e cinquenta anos.

Quando a monarquia foi restaurada, em 1660, esta política continuou, mas de maneira menos efetiva porque era mais difícil para Carlos II conseguir dinheiro para mantê-la. Mas, depois de 1688, tornou-se a política padrão da Inglaterra, portanto remontando aos princípios decisivos de Oliver Cromwell.

• • •

Agora, vamos falar um pouco sobre Milton. Ele foi uma pessoa muito diferente, de origem social bastante diversa. Foi filho de um escrivão de Londres, um tipo de advogado de porta de cadeia e agiota. Deu-se bem com isso em Londres, pelo menos o suficiente para enviar seu filho a uma boa escola e para Cambridge. Milton estava destinado a entrar para a Igreja, assim como os filhos de pessoas em ascensão social costumavam fazer, mas ele não gostou do regime da Igreja estabelecido pelo Arcebispo Laud, que supostamente tendia para o catolicismo. Milton decidiu que aquilo não era o que queria. Ele se descrevia como tendo sido afastado da Igreja, impedido de entrar nela pelos bispos. Em vez disso, ele decide tornar-se um grande poeta, o que era uma idéia já antiga. Era isso o que iria fazer. Ele herdou não apenas dinheiro, mas também um tipo de consciência social. Em certa ocasião disse de si próprio: "*O prazer e a tranquilidade me foram dados à custa do suor de outros homens*". Em um de seus principais poemas, *Comus*, disse:

*"If every just man that new pines with want
Had but a moderate and beseeming share
Of that which lewdly-pamper'd Luxury
Now heaps upon som few with vast excess,*

Natures full blessings would be well dispenc't
(...)
And then the giver would be better thank't,⁸

O dinheiro de seu pai havia sido ganho às custas de outros homens, e, portanto, Milton tinha um dever para com a sociedade. A riqueza era distribuída injustamente e deve ser redistribuída, é o que estava dizendo. Estes versos não foram impressos quando o poema foi publicado em 1635, mas estavam no original, e foram incluídos quando ele foi republicado em 1645, após a queda da censura.

Quando o Parlamento reuniu-se em 1640, antes do começo da guerra civil, Milton que na época encontrava-se na Itália, voltou rapidamente para a Inglaterra. Ele acreditava ser seu dever lançar-se na controvérsia contra os bispos, que eram os inimigos principais. Não devemos pensar nos bispos como aqueles velhinhos gentis que afagam as cabeças das crianças, mas como agentes do governo empenhados em executar o que era considerado uma política tirânica. O Arcebispo Laud, na Câmara Estrelada⁹, sempre foi a favor dos mais severos castigos corporais para seus ofensores: flagelo aleatório, ferro quente e orelhas cortadas. O Arcebispo de York, em 1639, acreditava que seria bom restituir a prática da queima de heréticos, que, segundo ele, havia contribuído muito para o bem da Igreja.

Milton, em seu ataque aos bispos, disse que *"era vergonhoso e repugnante o fato de a religião cristã ter de se sustentar recorrendo à violência"*, um sentimento que, devo dizer, compartilho inteiramente. Ele descrevia os bispos como a guarda pretoriana da tirania. Sobretudo, ele tinha aversão pelas consequências intelectuais e culturais da censura que os bispos e o governo de Carlos I impunham. Ele fala *"deste jugo impertinente da prelazia sob cujo poder inquisidor nenhum desejo livre e belo pode florescer"*. Em outra passagem inesperada, ele descreve todos os bispos, cada bispo, como estando a caminho do inferno, onde seriam punidos para toda eternidade. O tipo de coisa que não se encontra freqüentemente em Milton: ele observou essa selvageria bárbara dos bispos, mas tinha muito boa vontade para com a maioria dos outros homens.

Quando a guerra civil começou, a censura entrou em colapso, e houve então uma discussão tremenda através de panfletos, discussões nas congregações e clubes políticos que se espalhavam por toda parte, inclusive no exército.

Milton acolheu tudo isso com entusiasmo, em *Areopagitica*, que é uma espécie de elogio da liberdade de expressão livre em Londres, que considerava como a mansão da liberdade, todos discutindo, pensando, planejando uma sociedade melhor. Ele acreditava que a censura — censura anterior à publicação — era uma *"desqualificação de toda a nação. Uma ofensa às pessoas comuns em quem não confiamos o suficiente para entregar um panfleto. Dê-me a liberdade para conhecer, proferir e argumentar livremente, de acordo com a consciência, acima de todas as liberdades"*, e prossegue dizendo *"Quanto à proibição, não há nada mais provável de ser proibido do que a própria verdade, quando ela aparece pela primeira vez aos nossos olhos, sendo apagada pelo preconceito e pelo hábito"*. Pensava que um homem poderia ser um herético, mesmo falando a verdade, se apenas repetisse o que outras pessoas lhe haviam dito como verdade. Só se chega à verdade através da argumentação.

Milton alegrava-se com a criatividade popular, depois do colapso da censura, no início da Revolução, tendo ele próprio publicado muitos panfletos considerados radicais e sediciosos. Defendia o divórcio, por incompatibilidade de temperamento, o que não é de modo algum algo popular para se propor no século XVII e que lhe custou a acusação de libertino que queria *"divórcio e prazer"*.

Mas, em 1648, antes do rei ser levado a julgamento, Milton publicou um panfleto chamado *Tenure of Kings and Magistrates*, no qual dizia *"Nenhum homem que conhece alguma coisa pode ser tão estúpido a ponto de negar que todos os homens nascem naturalmente livres"*. Obviamente, muitos homens eram de fato estúpidos a ponto de negar esta idéia, nos anos 1640. Ele diz que os reis e magistrados eram representantes e comissários do povo, e que deveriam ser mudados quando o povo assim o desejasse. Hoje, isto nos parece bom senso, mas era algo muito revolucionário no século XVII, quando os homens eram educados para acreditar que os reis governavam por direito divino. O relato de que várias pessoas morreram de ataque cardíaco ao ouvir dizer que o rei havia sido executado pode não ser verdadeiro, mas revela o tipo de coisa em que as pessoas eram capazes de acreditar no século XVII. Milton acreditava que o povo não podia abrir mão de seus direitos e que não acreditar nisso significava traição contra a dignidade da humanidade.

Depois da execução do rei e da proclamação da República, Milton foi empregado pela *Commonwealth* como seu homem de relações públicas. Tornou-se defensor da República através de panfletos em latim que respondiam aos ataques europeus feitos contra o governo inglês, adquirindo uma reputação única, não apenas na Inglaterra mas em toda a Europa. Seus panfletos tornaram-se assunto favorito da *intelligentsia* européia, e foram proibidos em alguns Países. Milton acreditava que a Revolução Inglesa havia assistido às realizações mais heróicas e exemplares desde a fundação do mundo. No seu entusiasmo,

⁸ *A Mask*. In: *The Poetical Works of John Milton*. Oxford: University Press, 1952, p. 68.

[*Se todo homem justo que hoje sofre pela miséria / tivesse uma parte apenas moderada e conveniente / daquilo que a luxúria / com grande excesso, concede alguns poucos / as benesses da natureza estariam bem distribuídas / e, então, o doador receberia melhores agradecimentos*] (tradução livre do revisor DCL)

⁹ O mais elevado conselho da monarquia absolutista inglesa do século XVII.

Milton parece ter-se esquecido da vida e morte de Jesus Cristo. É surpreendente que, para ele, a Revolução Inglesa tenha realmente sido tão mais significativa, heróica e exemplar. Nos seus escritos, dizia que falava em nome de toda a raça humana contra os inimigos da liberdade. Esta posição rendeu-lhe uma tremenda reputação na Inglaterra e na Europa. Quando estrangeiros vinham à Inglaterra, eles esperavam, antes de tudo, ver Oliver Cromwell e, em seguida, o erudito Mr. Milton.

Mas, nos anos 1650, o governo tornou-se gradualmente mais conservador, rompeu com seus partidários *Levellers* radicais e determinou que Milton, seu homem de relações públicas, os atacasse. Esta foi uma das ordens que Milton nunca cumpriu. Ele nunca atacou os *Levellers*, tinha muita simpatia por algumas de suas posições democráticas, embora provavelmente pensasse que sua oposição ao Protetorado, nos anos 1650, significava, em última instância, jogar o jogo dos monarquistas. Ele nunca reuniu-se a eles. Mas em sua posição de homem de relações públicas para a *Commonwealth* utilizou-se desta posição, em seus tratados escritos em latim, para prevenir os governantes da Inglaterra contra a avareza e a ambição. E disse que havia um perigo de que a posteridade viesse a dizer que os fundamentos da República estavam solidamente estabelecidos, que o começo havia sido esplêndido, mas que os governantes deixavam a desejar. Ademais, em um panfleto escrito em nome do governo inglês, ele sugeriu que este deveria empregar mais republicanos radicais. Era jogar um jogo bastante perigoso, já que criticava publicamente o mesmo governo do qual era o porta-voz. Por esta razão e também porque havia ficado cego, deixou seu posto e concentrou-se em escrever *Paraíso Perdido*, seu grande poema épico, que discutimos anteriormente, e seu tratado teológico *De Doctrina Christiana*.

Quando a República caiu, em 1659, o exército desintegrou-se e o povo, novamente, parou de pagar impostos. Havia, em meio à confusão geral, a probabilidade de restauração da monarquia. Milton voltou à política e publicou vários panfletos tentando reunir os revolucionários contra a restauração. Um mês antes de Carlos II voltar ao trono, Milton publicou um ataque feroz à monarquia, em geral e a Carlos II, em particular. Após a restauração, ele teve muita sorte em não ter sido executado como traidor, como foram muitos de seus amigos e companheiros. Ele escondeu-se e dois de seus livros foram queimados. Dizia ele: "Se eu não for ouvido ou acreditado, os acontecimentos serão testemunhas de que falei a verdade". Depois da Restauração, admitiu a derrota. Era, então, um homem marcado que estaria em dificuldades se dissesse ou publicasse qualquer coisa sediciosa. Continuou a escrever *Paraíso Perdido*, um poema épico que, entre outras coisas, aconselhava aos revolucionários sobre como comportar-se em face da derrota.

Todos os seus grandes poemas foram escritos após 1660. Depois de *Paraíso Perdido*, escreve *Paraíso Reconquistado*, que fala sobre a tentação de

Cristo tal como é descrita no Novo Testamento¹⁰, e no qual Milton nunca se refere a ele como Cristo, Jesus Cristo, mas como o Filho de Deus. Em um verso, uma personagem diz: "All men are Sons of God"¹¹. Acredito que seja o que Milton queria passar como sendo sua opinião, embora no poema estas palavras sejam ditas por Satanás, de modo que Milton não é responsável por elas. Mas ele mostra o Filho de Deus passando pelas tentações que os líderes revolucionários haviam sofrido nos anos 1650. Satanás oferece ao Filho de Deus riquezas, poderes, os reinos do mundo, a salvação de Israel e de seu povo através da vitória militar. E o Filho de Deus não nega que este seja seu objetivo supremo; ele diz

"(...) *victorious deeds
Flam'd in my heart, heroic acts, one while
To rescue Israel from the Roman yoke,
Thence to subdue and quell o're all the earth
Brute violence and proud Tyrannick pow'r,
Till truth were freed, and equity restor'd:
(...)* ¹² [but that people]

Milton refere-se aqui ao povo inglês, obviamente. Aqui e agora, não há nenhuma revolução. Ele tinha que pensar num futuro muito mais distante antes de esperar que se pudesse construir uma sociedade decente. Ele sabia que a revolução não seria uma possibilidade política, antes que houvesse uma grande mudança na opinião pública. Sua crença no povo inglês havia sido muito abalada pelo comportamento deste, nos anos 1650, quando não se conseguiu preservar a república. Mas em *Paraíso Reconquistado* fez o Filho de Deus dizer que "the Father may bring the people back repentant and sincere, time to himself best known. Till then, to his best time and Providence I leave them".

O último de seus poemas a ser publicado, *Samson Agonistes*, é também, acredito, uma parábola da Revolução. Samson (Sansão) era um líder nacional frustrado que havia traído os segredos de Deus com sua esposa. Ao longo de todo o poema, ele é muito cuidadosamente associado à velha e boa causa do Parlamento e ao Exército de Novo Tipo em uma série de frases, de modo tal que qualquer contemporâneo bem informado, identificava Sansão com estas duas

10 Mateus 4,1 -11, Lucas 4,1 -11, Marcus 1, 12-13.

11 Paradise Regain'd. In: The Poetical Works of Milton, op. cit., p. 499.

12 Paradise Regain'd, book I. In: The Poetical Works of Milton, op. cit., p. 492.

[Proezas vitoriosas incendiaram meu coração, atos de heroísmo, enquanto resgatou-se Israel do jugo romano e depois a submissão e sufocamento sobre toda a terra, da violência bruta e o vaidoso poder tirânico / Até a libertação da verdade e a restauração da igualdade] [mas aquele povo] (tradução livre do revisor DCL). A última frase foi acrescentada pelo conferencista.

instituições. No poema, ele é um prisioneiro nas mãos dos filisteus. Agora cego, desalentado, envergonhado e desonrado, pergunta:

*"To what can I be useful, wherein serve
My Nation, and the work from Heav'n impos'd,
(...)
(...) Promise was that I
Should Israel from Philistian yoke deliver;
Ask for this great Deliverer now, and find him
Eyeless in Gaza at the Mill with slaves,
Himself in bonds under Philistian yoke;"*¹³

A referência aqui é ao próprio Milton. Mas, no poema, Sansão tem que aprender com sua degradação para resistir à tentação. Todos os tipos de acordos, possibilidades e provocações lhe são oferecidos, mas ele espera, analisando onde havia errado, arrependendo-se, na esperança de que um dia Deus teria alguma utilidade para ele novamente.

Finalmente, Deus lhe dá sua oportunidade. Sansão, um homem muito forte, como vocês se lembram, é chamado por um filisteu para uma celebração no templo, a fim de diverti-los mostrando-lhes sinais de sua força publicamente. Ele aproveita esta oportunidade. Quando tem um momento de descanso, apóia-se contra as duas pilastras que sustentam o templo e com uma oração a Deus, num último esforço, derruba-as. Todo o templo cai sobre os filisteus e os destrói. Mas ele não os destrói todos. Na Bíblia sim, não há dúvida quanto a isso. A Bíblia é perfeitamente clara: todos os filisteus que estavam no templo são destruídos. Milton diz: *"The vulgar only scap'd who stood without"*¹⁴. O povo não é destruído, mas sim a aristocracia filistina e os seus sacerdotes, que constituem os maiores inimigos de Milton na Inglaterra da Restauração. O massacre deu possibilidade ao povo de conseguir sua liberdade: *"Find courage to lay hold on this occasion"*¹⁵. A peça termina sem que se saiba se o povo realmente terá coragem para conseguí-la naquela ocasião, como na verdade não o faz na Bíblia. Mas é dever de Sansão testemunhar, aproveitar a oportunidade para destruir o inimigo de Deus.

13 Samson Agonistes. In: *The Poetical Works of Milton*. op. cit., p 522, 510. Esta seqüência de versos foi montada pelo conferencista a partir das linhas 564, 565 e 38-42.

[De que forma posso ser útil, / Para servir Minha Nação e / O trabalho imposto pelo Céu / Foi prometido que eu / Deveria salvar Israel do jugo filistino; / Pergunte por este grande Salvador agora e o encontrará / Sem olhos em Gaza junto com escravos no engenho, / Ele mesmo acorrentado debaixo do jugo filistino] (tradução livre do revisor DCL).

14 *Samson Agonistes*. op.cit., p548.

[Somente o vulgo esperado do lado de fora escapou] (tradução livre do revisor DCL)

15 *Samson Agoniste*. op.cit., p 550.

[Encontrem coragem para opoderarem-se desta ocasião] (tradução livre do revisor DCL)

Em todos os três poemas o final fica em aberto. Em *Paraíso Perdido*, Adão e Eva, graças a Eva, reconciliam-se e vão enfrentar seu destino no mundo. Os últimos versos do poema épico são:

*"Som natural tears they drop'd, but wip'd them soon;
The Word was all before them, where to choose
Thir place of rest, and Providence thir guide:
They hand in hand with wandring steps and slow,
Through Eden took thir solitarie way."*¹⁶

Em *Paraíso Reconquistado*, o Filho de Deus, depois de fazer um milagre, ao ficar em pé no pináculo do templo, volta quieto para a casa de sua mãe, para continuar sua tarefa de pregar para o povo. E em *Samson Agonistes* a oportunidade de liberdade é oferecida ao povo. A história não é predestinada: o homem e o anjo, em *Paraíso Perdido* e *Paraíso Reconquistado*, são livres para resistir ou para cair.

O slogan de Oliver Cromwell seria: confie em Deus e espere pelo momento. No final de *Samson Agonistes* a causa de Milton é vista como um fênix imortal que

*"(...) giv'n for lost,
Deprest, and overthrown, as seem'd,
(...)
Revives, reflourishes, then vigorous most
When most unactive deem'd,
And though her body die, her fame survives,
A secular bird ages of lives."*¹⁷

Mas há uma última coisa. Em sua cegueira, e nos quatorze anos que viveu, após a Restauração, Milton também trabalhou nos tratados teológicos que mencionei anteriormente, aos quais uma vez referiu-se como sua melhor e mais

16 *Paradise Lost*. (book XII). In: *The Poetical Works of Milton*. op. cit., p 448.

[De pena algumas lágrimas varterem, / Mas resignados logo as enxugaram, / Diante deles estava inteiro o Mundo / Para a seu gosto habitação tomarem, / E tinham por seu guia a Providência, / Dando-se as mãos as pais da humana prole, / Vagorosos lá vão com passo errante / Afastando-se do Éden solitários.] *O Paraíso Perdido*. Rio de Janeiro: W.M. Jackson Inc. editores, 1949, tradução de Antônio José Lima Leitão, canto XII, p.379.

17 *Samson Agoniste*. In: op. cit., p 549. Esta seqüência de versos foi montada pelo conferencista a partir das seguintes linhas: 1695, 1704-1707.

[Dada por perdida, / abatida e derrotada, como parecia / Ressuscita, refloresce, agora mais vigorosa / Quando considerada mais adormecida, / E mesmo que o corpo dela morra, sua fama sobrevive / Um pássaro secular de vidas sem fim] (tradução livre do revisor DCL).

querida obra, melhor que *Paraíso Perdido* aparentemente. Nesses tratados, ele é muito radical, realmente muito herético, terrivelmente radical. Ele esperava que um dia eles seriam publicados — não o puderam ser, enquanto estava vivo — para reunir o protestantismo europeu a partir de um programa mais radical, e seriam seu testamento para a humanidade. Depois de sua morte, um de seus adeptos tentou publicá-los nos Países Baixos, em latim, pois foram escritos em latim, e todo o poder do Estado Britânico interveio para pressionar os holandeses e impedir que esses tratados fossem publicados. E venceram. Os tratados foram entregues ao governo inglês e ficaram no *State Paper Office* até 1825, quando alguém os descobriu, traduziu e publicou. E o que teria sido explosivo no final do século XVII, foi naturalmente letra morta em 1825, um tratado teológico não é feito para começar uma revolução. A Revolução Francesa deveria mudar tudo isso, o Iluminismo mudaria tudo isso.

É muito irônico que o testamento de Milton para a humanidade se transformasse em uma interessante curiosidade histórica de antiquário, quando foi de fato publicado, embora alguns estudiosos ainda prefiram pensar que não foram efetivamente escritos por Milton. Há uma indústria acadêmica que insiste em dizer que esta doutrina herética, anti-trinitária não poderia ter sido escrita por Milton.

Vamos fazer um intervalo e depois discutiremos Cromwell e Milton, e talvez mais tarde falaremos um pouco sobre Bunyan.

[...] [...]

Cromwell fazia parte da pequena nobreza, Milton da classe média profissional, Bunyan de uma classe muito inferior: ele era um funileiro, uma profissão muito desprestigiada, no século XVII. Os funileiros eram vistos, geralmente, como bêbados que perambulavam pelo interior consertando potes e panelas, provavelmente cada vez com uma "namorada" diferente. Sua família era de pequenos camponeses, que há várias gerações vendiam parcelas de suas terras. Bunyan descrevia sua família como entre as piores em todo o País, talvez um exagero, mas sua família era muito pobre. Ele não frequentou a escola primária, de acordo com o que se sabe, e certamente não frequentou a Universidade, foi educado no exército do Parlamento. Era vinte anos mais jovem do que Milton, e tinha apenas quatorze anos quando a Guerra Civil começou.

Entrou em 1645 para o exército, tendo ali passado dois anos e meio, após o término da guerra. Não creio que tenha participado de nenhuma batalha mais séria, mas esteve numa guarnição, onde as tropas não tinham nada para fazer a não ser conversar. Depois de uma guerra, as tropas conversam: conversa "bolchevique", conversa subversiva, não bolchevique no sentido técnico. Bunyan escutava essas discussões, creio que participava delas e, na verdade, sabemos, por outras evidências, que havia muita conversa subversiva acontecendo nesta guarnição, o que incomodava muito o comandante. Mas sabemos

disso também através da própria autobiografia de Bunyan, em que ele descreve as conversas que ouvia em sua juventude e que, durante um certo tempo, impressionaram-no bastante. Por exemplo, eles discutiam se a Bíblia era verdadeira ou "uma fábula, uma história astuta criada por homens astutos para manter as pessoas pobres e ignorantes submissas".

Bunyan, mais tarde, ficou muito perturbado com a tradução do Alcorão para o inglês, em 1649. Ele se perguntava como saber se o cristianismo era verdadeiro, tal como as pessoas diziam. Ou seja, se era verdadeiro simplesmente porque todos o aceitam. Afinal, em outras partes do mundo, as pessoas aceitam o Alcorão como verdadeiro e assim era aceito por todos. Existia a possibilidade de que a fé, Cristo e as Escrituras, fossem apenas mais uma invenção aceita por muitos que nunca se certificavam da sua veracidade. E Bunyan prosseguiu confessando de modo misterioso que tinha muitos outros pensamentos ainda piores, que preferiu não registrar. Eu gostaria muito de saber de que se tratavam.

Tudo isto aconteceu quando Bunyan tinha entre dezesseis e dezenove anos, para um jovem e rústico camponês, uma idade em que facilmente se deixa impressionar. Quando voltou, com todo o prestígio de ter participado do exército vitorioso, tornou-se o líder dos jovens rebeldes da sua cidadezinha, e ele nos deixou descrições das suas bebedeiras e atividades sexuais, etc. Mais tarde, quando já se encontrava novamente reestabelecido na cidadezinha, a fase radical da Revolução Inglesa havia terminado, como já vimos anteriormente. Os *levellers* haviam sido reprimidos em 1649, os *diggers* em 1650, os *ranters* em 1651. E Bunyan, neste mundo provinciano, passou por uma longa crise intelectual e religiosa na qual discutia, com ninguém menos que o Diabo, as idéias subversivas que o influenciaram no exército. A crise terminou quando encontrou um grupo de três ou quatro mulheres pobres, assentadas ao sol, discutindo as coisas de Deus, — nas palavras de Bunyan —, "como se a alegria as fizesse falar". Elas eram tão diferentes dos intelectuais brilhantes que havia encontrado no exército, que o impressionaram imensamente; ele entrou para a congregação delas e logo tornou-se um pregador bem sucedido.

Uma congregação desse tipo, na Inglaterra dos anos 1650, era, na verdade um clube político, e eles tinham discussões políticas e teológicas. Por exemplo, a congregação se posicionou contra o coroamento de Oliver Cromwell e também era radicalmente contra a Restauração. Bunyan durante toda sua vida, esteve sempre teológica e decisivamente ao lado dos pobres. Um de seus sermões iniciais mais bem sucedidos era sobre um homem rico e Lázaro¹⁸, Lembrem-se do homem pobre, Lázaro, que vai para o céu e o homem rico, em cuja porta Lázaro costumava assentar-se, pedindo esmolas todas os dias? O

¹⁸ Lucas 16, 19-31.

rico desprezava Lázaro quando passava por ele. O rico morre e vai para o inferno de onde implorava, ao ver Lázaro no céu, que fosse concedido a Lázaro permissão para lhe humedecer os lábios, porque estava muito quente lá embaixo, no Inferno. Mas, obviamente, já era tarde demais. E Bunyan utiliza essa história para fazer um sermão fantástico, denunciando os ricos e qualquer um que tivesse dinheiro, dizendo: "os pobres, justamente porque são pobres, não são capazes de pecar contra Deus, como o faz o homem rico", e ele listava todas as coisas horríveis que os ricos faziam. "Os senhores e perseguidores eram descendentes de Caim, e os da semente de Abel viviam sob a opressão". E conclui, isto foi escrito em 58, antes da Restauração: "Um tempo virá no qual os viciosos lavarão seus pés no sangue dos maus". Um pensamento interessante.

Bunyan era bastante impopular entre a pequena nobreza, que era denunciada em seus sermões. Eu suspeito que muitas das descrições dos homens ricos maus, em seus sermões, referiam-se a personagens ricos locais. Não posso prová-lo, mas essas descrições são muito específicas e precisas, sugerindo que se referiam a pessoas do local. Quando houve a Restauração, a pequena nobreza de Belford Shire teve sua revanche contra Bunyan. Ele foi descrito como um espírito turbulento, um jovem pestilento, o pior do condado. A vingança veio. Ordenou-se que Bunyan parasse de pregar ou iria para a prisão indefinidamente. Bunyan respondeu que não poderia parar de pregar, pois tratava-se da vocação que Deus lhe deu. Ele era um pregador muito bem sucedido. Os juizes de paz insistiam que sua vocação era ser funileiro e ordenavam que voltasse a tal lide, senão iria para a prisão. Ele ficou preso durante doze anos. Era uma pena muito severa somente excedida pelas penas aplicadas aos líderes políticos e pessoas realmente perigosas. Esta condenação refletia o grau de descontentamento que suas atividades no condado haviam gerado.

Ao seu modo Bunyan era eloquente. Em um de seus sermões, disse: "Os filhos de Deus não sabem, como sabia Pôncio Pilatos, falar hebraico, grego e latim". Lembrem-se que Pôncio Pilatos escreveu no local da crucifixão em hebraico, grego e latim: "Este é Jesus Nazareno, Rei dos Judeus"¹⁹. Bunyan cita esta frase, de modo perspicaz, para atacar numa só frase a pequena nobreza, as universidades e a educação clássica. Na prisão, Bunyan escreveu *Pilgrim's Progress*, que se tornou um dos livros mais famosos da língua inglesa e, durante algum tempo, um *best seller* mundial. A história do *Pilgrim's Progress* é a de um homem maltrapilho, carregando uma carga, fugindo da *City of Destruction* (Cidade da Destruição), onde havia nascido, em busca da *Celestial City* (Cidade Celestial), um lugar da imaginação popular, da qual ouviu falar. Os trapos com

os quais estava vestido e a carga que levava são, naturalmente, alegóricos, por um lado, mas também indicam que ele era realmente um homem muito pobre. A caminho da Cidade Celestial, ele enfrenta vários gigantes e monstros, todos obsessivamente descritos como *gentlemen* e *landlords* responsáveis pelos cercamentos. A *Vanity Fair* (Feira de Vaidades) pela qual passa, no seu caminho, é uma cidade muito semelhante a Londres, onde tudo está à venda: empregos, esposas, consciências. Ele ouve falar da Cidade Celestial onde, diferentemente da cidade de onde veio, há terra de graça para todos, uma vida confortável, e boas relações com o único *landlord* por lá, que é o próprio Deus. Graças a Deus, não havia nenhum outro *landlord*. Toda a descrição da Cidade Celestial lembra muito as utopias materialistas escritas e publicadas pelos radicais na década de 1640. Esperava-se que logo a Inglaterra se transformasse em tais utopias. A diferença era que, para Bunyan, a Cidade Celestial só seria alcançada após a passagem pelo *River of Death* (Rio da Morte). E isto é muito simbólico. Não temos mais por que lutar sobre a Terra, apenas a esperança de uma vida melhor em outro mundo. Nunca existira uma Cidade Celestial sobre a terra. O livro é repleto de alusões políticas de fácil compreensão pelos contemporâneos, já os leitores modernos geralmente não as percebem. O tema que perpassa a obra é o da coragem, da resistência e da convicção de princípios. Os personagens são *Mr. Greatheart* (Sr. Coração-grande), *Mr. Standheart* (Sr. Coração-firme), *Mr. Valiant for the Truth* (Sr. Destemido em busca da Verdade). E quando o peregrino recebe sua primeira armadura, observa que ela apenas o protege dos ataques frontais, se ele der suas costas, pode ser ferido. Espera-se que ele resista.

O *Pilgrim's Progress* foi desprezado por seus contemporâneos, "O que significa isso, um funileiro escrever um livro?". Os *literati*, em geral, até o século XIX, pensavam que apenas as pessoas eruditas o liam; mas o vulgo leu em grande número. Ele foi amplamente lido nos Estados Unidos, onde não havia tantos membros da pequena nobreza ou párocos da Igreja Anglicana. No século XIX, tornou-se um *best seller* mundial; foi traduzido, por missionários, para várias línguas do terceiro mundo. Chegou até a inspirar um movimento revolucionário liderado por cristãos radicais na Tailândia em meados do século XIX. Se o movimento tivesse vingado, e chegou muito próximo disso, o *Pilgrim's Progress* poderia ter-se tornado o equivalente do livro vermelho de Mao, do século XX.

Cromwell lidera a revolução vitoriosa, Milton tenta mostrar às pessoas como continuar esperando por algum tipo de vida decente na Inglaterra, mesmo depois da assombrosa derrota de 1660. Bunyan simplesmente disse às pessoas para esperarem a vida após a morte pois não havia como conseguir, nesta vida, a construção de uma sociedade decente. Isto é típico do que aconteceu aos revolucionários puritanos dos anos 1660, que tornaram-se os calmos e pacíficos dissidentes do final do século XVII, e dos séculos XVIII e XIX. Mas eles resistiram à perseguição e continuaram. Bunyan escreveu uma outra alegoria chamada

19 João 19, 19-20; Mateus 27,37; Marcos 16,26; Lucas 23,38.

Mansoul, sobre a defesa da alma do homem, que é uma cidade. O senhor prefeito de *Mansoul*, no momento mais sombrio da vida da cidade, diz "não usemos desesperar e sim vamos procurar, aguardar e esperar a libertação". E as últimas palavras do livro são as de Emanuel, o senhor da cidade de *Mansoul*, que havia sido expulso: "Resistam até o meu retorno". Eis a mensagem que Bunyan deixa aos não-conformistas ingleses. Alguns resistiram, outros não.

CHRISTOPHER HILL

E agora? Para onde vai a historiografia marxista?¹

Começarei dizendo que não creio existir isso que se chama de historiografia marxista, isolada. Acho que há contribuições marxistas à historiografia, mas não me considero como separado de outros historiadores por qualquer ideologia. Quando me perguntam se sou um marxista, aprendi a responder: "O que você quer dizer com marxista?". Porque hoje em dia há tantos marxismos por aí que eu não sei sobre qual deles estão me perguntando: marxista trotskista, stalinista, estrutural. Não importa qual seja, eu desconheço!

Mas geralmente a pessoa que pergunta "Você é marxista?" quer dizer com marxista o mesmo que "Você aceita um conjunto de dogmas ao qual você deseja fazer com que a história se conforme?". Neste sentido não sou, nem nunca fui marxista. Ao me perguntarem os americanos, hoje em dia, se sou um *historiador novo* ou não, eu me recuso a responder a pergunta. Eu não sei o que ela significa. Sei que há pessoas nos Estados Unidos que se intitulam *historiadores novos*. Sei que fazem um bom trabalho, mas não pertencem a eles.

O que me interessa não é uma atitude política em relação à história, não sou um filósofo político. Sou apenas um historiador da história da Inglaterra do século XVII, que quer usar qualquer técnica que possa ser útil.

Quando fazemos este tipo de pergunta, sobre o futuro da historiografia marxista, na verdade, estamos falando sobre a influência dos eventos de 1989 a 1991 sobre os países que se intitulavam marxistas — e acho que isto é

¹ Conferência proferida no dia 18/03/1993. Todas as notas são de responsabilidade dos organizadores deste número.